

UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR MEDIADOR

Cristianne Lopes

*Faculdade Frassinetti do Recife- FAFIRE. Técnica Pedagógica da Secretaria de Educação da Cidade do Recife.
crislopeslima@gmail.com*

Introdução

Este trabalho surge da expectativa da pesquisadora em buscar formas mais adequadas da aplicação dos conteúdos de aprendizagem em sala de aula no de diz respeito a uma prática pedagógica que leva em consideração um(a) estudante reflexivo(a), com o objetivo de investigar uma intervenção pedagógica numa perspectiva sócio-construtivista buscando uma mudança da prática pedagógica em que a reflexão faz parte do processo de aprendizagem tanto para o(a) estudante como para o(a) professor(a). E ainda verificar se os(a) estudantes apresentam melhor desempenho nas produções escritas incluindo algumas questões ortográficas para o contexto do ano trabalhado.

A prática pedagógica que o senso comum imagina desvinculada da teoria, nunca o é. Há uma teoria de aprendizagem implícita em toda prática de ensino. Esta teoria pode não estar explicitamente, mas, conscientemente ou não, ela determina a prática. Porque uma teoria nada mais é do que uma hipótese, um conjunto coerente de ideias, que nos permite interpretar algo sobre o qual precisamos agir.

Uma vez que nenhuma prática pedagógica é neutra, todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem e o objeto dessa aprendizagem. Conforme se coloque a relação entre sujeito e o objeto de conhecimento, e conforme se caracterize a ambos, certas práticas poderão ser consideradas tradicionais ou norteada nos princípios construtivista e sócio- interacionista.

As práticas tendem a ser baseadas num modelo empírico de conhecimento, onde a aprendizagem é encarada como um processo de acumulação gradativa de fragmentos de informação ordenados a partir de uma hipotética ordem de complexidade crescente. A concepção de ensino que contempla o professor como agente educacional por excelência, encarregado de transmitir o conhecimento e que decide quando e o que ao aluno vai aprender, uma pedagogia de treinamento, onde o erro é concebido como um pecado a ser cuidadosamente evitado. Uma teoria de aprendizagem dentro desta abordagem não considera os processos de pensamento, a criação, e construção por parte do aluno, pois nela não há espaço para o subjetivo, o pessoal, o criativo, o ousado.

Dentro desta perspectiva a língua escrita é considerada como uma simples codificação da fala e seu processo de aquisição é vista como um processo mecânico de automatização progressiva de decodificação/codificação. A aprendizagem se daria pelo condicionamento, não se leva em conta o papel de sujeito nesse processo, bem como se desconsidera a natureza fundamentalmente representativa e funcional da língua escrita.

O surgimento dos estudos psicogenéticos e o crescente apogeu dos enfoques cognitivos no estudo do desenvolvimento humano marcou uma mudança de paradigma na concepção sobre a aprendizagem da língua escrita. Passou a ser ressaltado o caráter construtivo do processo de aquisição do conhecimento. Ou seja, um modelo de aprendizagem em que o sujeito é ativo na construção do conhecimento, aprender é construir, a preocupação é com a compreensão e os processos subjacentes ao comportamento.

Segundo Coll (1994), inicialmente o marco de referência foi delimitado pelo que se pode denominar de enfoques cognitivos no sentido amplo. Dentro desta perspectiva, todos os processos psicológicos representativos do desenvolvimento humano, são decorrentes de uma interação constante com o meio ambiente culturalmente organizado. Esta interação homem/meio está mediada pela cultura desde o nascimento, pelo estabelecimento de relações interpessoais, sendo os pais, educadores, adultos, companheiros, entre outros, os principais agentes mediadores.

A educação surge com um papel central, pois possibilita a compreensão de como podem ser articulados num todo unitário um fenômeno como a cultura e o desenvolvimento individual. A educação designa as práticas pelas quais um grupo favorece o desenvolvimento pessoal dos seus membros.

O processo de ensino aprendizagem na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real do aluno. O percurso a ser seguido nesse processo deverá ser levado em consideração também, pelo seu nível de desenvolvimento potencial. O professor tem um papel de interferir na zona de desenvolvimento proximal dos alunos, provocando avanços que não aconteceriam espontaneamente.

Vygotsky (1989) identifica dois níveis de desenvolvimento: um se refere à capacidade que o sujeito já possui de realizar tarefas de forma independente, o que ele chama de nível de desenvolvimento real; o outro nível refere-se aquilo que o indivíduo é capaz de fazer mediante a ajuda de alguém mais experiente, o que ele chama de nível de desenvolvimento potencial.

A distância entre o nível de desenvolvimento real e potencial Vygotsky define como zona de desenvolvimento proximal (ZDP):

A Zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de "brotos" ou "flores" do desenvolvimento. (REGO, 1993, p. 23)

Tendo como base tais conceitos, o trabalho aqui exposto foi aplicado nas turmas do 2º ano do ciclo de alfabetização do ensino fundamental com 40 estudantes a partir das intervenções feitas com duas professoras, para o ensino das regras ortográficas contextuais em sala de aula, sob o enfoque da teoria Vygotskyana.

Método

Esta pesquisa, com base nas leituras realizadas e na observação dos educandos retrata em seus dados, uma pesquisa de campo, que segundo Ruiz (2006), “A pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises” (p.50). Trata-se de uma pesquisa metodológica qualitativa e quantitativa, com a finalidade de extrair elementos do contexto observado, para compreendermos os significados do mesmo (Mynaio, 2003).

Este trabalho foi realizado em 2 etapas. Inicialmente houve um estudo dirigido sobre a ortografia com os professores, resgatando também as concepções de ensino para uma prática pedagógica numa abordagem sócio-construtivista.

Na área de educação, essas pesquisas são fundamentais, os professores das séries iniciais devem conhecer as regras de uso da ortografia e as suas possibilidades de utilização, já que em alguns contextos são arbitrários outros não. Como apresenta Moraes (2000, p. 20), “É importante compreender que a definição de normas ortográficas, para cada língua, refletiu também mudanças nas práticas culturais de uso da escrita e de acesso a esta”.

É de prática comum a maioria dos professores iniciarem o estudo da ortografia utilizando apenas o recurso didático dos livros e correndo a sequência em que o autor decidiu ser mais ou menos importante.

Numa Segunda etapa houve aplicação de um instrumento de diagnóstico e a sequências dos procedimentos para uma alternativa didática com os estudantes, esse instrumento de diagnóstico foi um ditado de palavras inventadas

inseridas no contexto de uma frase, permitindo avaliar tanto o uso das regras contextuais de natureza grafo-fônica como de regras de natureza morfo-sintática foram utilizadas para o ditado palavras inventadas elas pesquisadoras Rego e Buarque (1997). O uso do instrumento diagnóstico desta natureza permite mapear como está cada série escolar em relação à compreensão das regras contextuais, subsidiando o currículo de língua portuguesa a ser desenvolvido na escola durante o ano letivo. Logo depois dessa análise houve um desenvolvimento seguindo os procedimentos sugeridos pela pesquisa.

Resultados e discussões

As sequências didáticas percorrida norteada pelas professoras e realizadas pelos(a) estudantes seguia a seguinte sequência; levantamento de hipótese em que os alunos falavam onde e como aparece e se escreve palavras com "r"; elaboração das regras, a partir do levantamento e das discussões em torno das palavras surgiu as discussões e as regras encontradas pelos alunos; pesquisa de palavras e classificação de acordo como o grupo, essa pesquisa foi feita em jornal, revista, na classe e em casa de palavras com "r" e seguida foi solicitado pela professora que eles classificassem as palavras de acordo com as regras deles; confirmação e conflito, discussão e reelaboração das regras logo após a classificação anterior, em que causou grande conflito entre os grupos de discussões; reelaboração das regras, após as discussões; pesquisa de palavras e classificação regida pelas regras encontradas e mediada pelas professoras; foram desenvolvidas algumas atividades de textos inserida o estudo da ortografia em foco; ditado de palavras para uma confirmação, discussão, reelaboração com correção em dupla.

Em conversa com os (a) estudantes e observando tanto eles (a) quanto as professoras pode-se constatar como eles estavam entusiasmados com o avanço que tiveram. Durante a investigação, no decorrer das aulas e com a análise dos procedimentos, confirmou-se que uma prática pedagógica diferenciada facilita a aprendizagem.

Conclusão

A aplicação deste trabalho teve como condutor a teoria de Vygotsky (1998) e os estudo de Morais (1999 e 2000). A utilização da teoria foi um facilitador para que os alunos no processo de aprendizagem, utilizando o professor e os colegas como mediadores construíssem a aprendizagem .

Considerando os fundamentos teóricos apresentados por Vygotsky e Morais no sentido de compreender como o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, diferenciando o

homem dos outros animais. Podemos, portanto dizer, que: [...] “a mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo”. (VYGOTSKY, 1998, p. 34).

Segundo Vygotsky (1989), a interação face a face entre indivíduos particulares, desenvolve um papel fundamental na construção do ser humano: é através da relação interpessoal concreta com outros homens que o indivíduo vai chegar a interiorizar as formas culturalmente estabelecidas de funcionamento psicológico.

O Modelo Sócio-Interacionista, fundamenta-se na mediação indivíduo e meio, através de sistemas simbólicos. A aprendizagem então dar-se-á na interação com o outro, de forma contextualizada, inserida num processo histórico, sendo necessário experienciar para aprender e desenvolver.

O ensino pois, nesta ótica, parte de uma situação problematizadora, onde o sujeito vai expor seu conhecimento espontâneo (capital cultural), daí lançando-se à construção do conceito científico. O professor, quando utiliza da concepção construtivista, exerce papel fundamental, pois deve permitir e buscar promover interações sociais na sala de aula, devendo interferir na ZDP (zona de desenvolvimento proximal), favorecendo a relação entre os diferentes. E pode-se observar nos estudos a importância dessa mediação nos resultados com os alunos.

O erro, do aluno, é visto como referência para a reconstrução dos conhecimentos a serem adquiridos, possibilitando assim, a avaliação se desenvolve qualitativamente, e formadora que se dá através da construção individual e coletiva da aprendizagem e do desenvolvimento de competências.

Estas concepções citadas, conduzem-nos a ter mais convicção de que um bom trabalho desenvolvido nas séries iniciais pode se tornar mais construtivo em torno do conhecimento que a criança já é capaz de elaborar, partindo daí para novos desafios e com perspectivas de progressos. Percebemos tudo isso como um meio de conduzir um processo de ensino-aprendizagem com mais eficácia e menos fracasso para a criança.

A proposta pedagógica deve concretizar e precisar os aspectos do desenvolvimento pessoal do aluno que devem ser promovidos, as aprendizagens específicas mediante as quais isto pode ser alcançado e o plano de ação mais adequado para conseguí-lo.

Por isso, pode-se concluir, que nos dias atuais, não há mais espaço para um profissional, que se restringe ao papel de único informante dos conteúdos fragmentados e isolados, ensinados por meios de técnicas “bem sucedidas”, se fazendo necessário

redirecionar esta prática, tendo numa transposição didática, uma possibilidade de integrar professores e alunos na trajetória do desenvolvimento integral do ser humano.

Referências

COLL, C; (Org.). O Construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 1994.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MORAIS, A. G. de (Org.). O aprendizado da ortografia. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MORAIS, A. G. de Ortografia: ensinar e aprender. São Paulo: Ática, 2000.

REGO, L. L. B. O papel da consciência sintática na aquisição da língua escrita. Temas em Psicologia, 1, 79-111, 1993.

REGO, L. L. B.; BUARQUE, L. L. Consciência sintática, consciência fonológica e a aquisição de regras ortográficas. Psicologia, Reflexão e Crítica, 10, 199-217, 1993.

RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica: guia para a eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VYGOTSKI, L. S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.